



O MEIRINHO.

JORNAL CRITICO E LITTERARIO.

ANNO XI

NUMERO 301

Domingo (Publica-se uma vez por semana e subscreve-se nesta) SERIE
9 (Typ. a 15000 réis por uma serie de 4 numeros) 66.

O MEIRINHO.

Fortaleza, 9 de Setembro de 1883.

COMMUNA LACY.

Tenebrosidade paira na consciencia e fêido desmoronamento no profundissimo d'alma d'aquellas que ventem o sincero sentimento, e mergulhar fazem a sua, mesma diminuta, dignidade no caudaloso mar da desmoralização e da vergonha.

Tem, n'estes ultimos dias, a communa do dissoluto Lacy, tomado n tenebrozo vôo sobre o escuro espaço da corrupção, e a si arrastado mais um punhado de christãos, d'estes que não pensam que, ao volitar dos annos, a effigie lh'os appareserá do arrependimento, trazendo á dextra o gladio immenso — a verdade, e a mão a nuvem alva do direito.

Será isto gloria para os Mellos, Albino e os alcôas Flavios, que vagabundam pelos suburbios d'esta capital, entregues, legitimamente, ás idéas irracionalas?

É rexiavel o procedimento dos taes manivelas! É luctuoso o estado bestialógico em o qual collocam-se!

Ratonelros do direito! Especuladores da honra! — deixae o pudor que nasce, que sobrepeje-se no casto e pauperrimo coração do lar!

Não recubris das faces rozeas — puras da innocente donzella, o nêco espelho, assim de, a este, dardes a luz abuziva para aquelles, que, séria e benignamente pensam. Qual o producto em se illudir uma donzella, assim de esta abandonar a sua legitima religião e de seus primeiros pais, sob penna de desmerecer, para um prototypo da ignorancia, o hourado nome de esposa?!.

Para que tanta futilidade?! Para que tal desganhado pedantismo?! Arrapados a consciencia e trememos de vergo-

uha em sermos depositarios da noticia de haver, pelo destino Lacy, a celebração de mais um casamento, como o ultimo que teve a audacia de fazer

Os lacaios assim querem; mas não d'vê, nem pode — os ser

É preciso a união do sincero povo, assim de que a provincia do Ceará vomite do seo hourado seio, o espanta ho, a hydra malevola, o montão de lixo, ao qual chamós Lacy.

Enquanto antes.

LITTERATURA.

A grande noite.

Flndara a festa. A festa do noivado.
Eit-os na alcova perfumada e quente;
Ella, meiga e feliz, casta e innocente,
Elle, amorozo, terno e enamorado.

No talão, luda ha pouco illuminado
Nem uma voz sequer. Tudo é silencio.
Sobre um movei, n'alcova, brilha ardente
A luz da vela junto ao cortinado.

Os dons a sós! Momento tão ditozo!
O noivo fita a noiva. A noiva, assim
Que vê tudo em redor silenciozo,

Cae-lhe nos braços, tremulo jasmim...
— Eufim, murmura o noivo venturozo.
A noiva venturoza exclama: — Eufim!..

Campos Porto.

TRIOLET.

Se me deres teu amor,
Dar-te-hei meo coração;
Te serel toda affeição
Se me deres teu amor.
Cantarei todo o primor
Que te deo a criação.
Se me deres teu amor,
Dar-te-hei meo coração.

L.

A Bibliotheca da Universidade

(Cano de Poesia, no 52)

Plis de Janeiro

ALBUM DA CRITICA.

RISCOS E TRISCOS.

Ridendo dicere quid verum vitat?

Impagáveis leitores do *Beliga!*...
Salve!

Dizem que — quem gosta, torna.
Como gostei — aqui estou!
Venho dar signal de vida,
Porque vivo ainda sou!

E venho mesmo á pé espalhado.

§

Ha p'rabi muita gente massada com o
Meirinho.

Oh! se ha!... É mesmo uma gran-
deza.

Porém isso nada influe, porque o *Be-
liga* gosta muito de ver gente zangada,
e principalmente a rapaziada de saia.

Por isso, quer se damne ou se egane
alguem com elle — é o *mesminho*, porque
o *batejo* irá sempre, assim sub lá mas-
siota, mettendo a ronca em quem mere-
cer, seja embora filha ou filho do bispo.

Está dito, e é *serinho!*

Este cá é o *Meirinho!*

§

Mil prophetas e sabichões tem dito
cozas e louzas sobre o phenomeno que
temos prezenciado ultimamente — ao nas-
cer e pôr do sol; porém só um disse a
verdade — o *Zé Geraldo*.

Na opinião do *homem da macaca*, —
este phenomeno é algum *flagello* de que
estamos ameaçados, por cauza da conti-
nuação do *Manivão* entre nós, pois elle
é peor do que o *Judeo Errante*.

E o capitão tem suas razões.

Apois é mesmo, *seo Zé*.

§

As biatas, porém, *destrincham* me-
lhor a couzada.

Segundo a opinião d'estas santas crea-
toras, esta novidade de sol sem raios e
Céo de muitas côres, incluzivel a azul
ferrete cor de manteiga, é porque ainda
aqui está o *padre cazado*.

Se isso é isso, e pôde nos resultar al-
gum mal d'ahi, é cada uma agarrar de
uma boa *chiba de urtiga e bumar* o —
padre cazado, não esquecendo o *Albino*,
o *Mello* e mais *traga*.

Por tão pouco não convem soffrer uma
população inteira.

Vamos!... *Urtiga* no bixo até elle
inchar.

§

Por fallar em phenomeno...

Chegou o *Chico Preto!*

O *joven moço* veio gordo e até *ovado*.

O *seo zabumba* recebeu-o debaixo da
deplomacia; ou *rufando-lhe* pelas ven-
tas uma noticia, que chegou mesmo a
dar no golo do *homem da vos vocaliza-*
da.

E fez muito bem.

Se elle não fizesse assim que outro não
o faria, *apeza* de noticias de chegadas
dar-se até de qualquer capitão *capa-gar-*
rote.

E o *Chico* ficou bem *satisfeito* com
aquillo!...

É muito besta!

§

Se o mundo se acabar mesmo de veras,
e tudo seguir viagem para o Céo, só uma
pessoa eu não quero para meu companheiro.

Ave *Nosso Senhor!*... Nem por es-
suada!

E porque?

Porque é um *typo* bruto, sendeiro,
desbiado, cynico, maluco, peor do que
o *Pulho*...

Prefiro ir para o inferno sózinho do que
para o Céo com semilhante *peste*.

Ave *Nosso Senhor!*... Com *Adolpho*
Cão — nem p'ra comer doce.

Figa, doido!

§

P'ra variar...

MOTTE.

Namoro na rua *Amelia*

Já fede a *patifaria*.

GLOZA.

Me contou a prima *Aurelia*,

Filha do tio *Torquato*,

Que é mesmo *cama de gato*.

— Namoro na rua *Amelia*,

Amolla *Pedro* a *Cornelia*,

Paulo *diverte* a *Maria*,

Sincho tem *paixão*; mas *fria*,

Pela filha de *Martim*...

Ali o namoro, enfim,

— Já fede a *patifaria*.

E fede mesmo.

§

Perém não é só ali, não, leitores: é
em quasi todas as ruas, cantos, beccos
e praças.

Da se d'isto.

Até eu ando apaixonado, e apaixon-
adissimo... E antes que alguém venha

botar-me no *Meirinho* — eu vou fazer este serviço.

Estou *doudinho* por uma *Dondom* das *prathas* de *limpidos arêlhas*.

Vi-a, *siturdia*, e fiquei tão *esgalami-do* por ella que, mal chegando em casa, fiz-lhe o seguinte *versito*:

Minha faceira *Curumba*,

Araúna,

Cartuxo de *mascavão*,

Araúna,

Deixa *aninhar* m'a *columba*,

Araúna,

Dentro do teu *coração*,

Araúna.

Chô, chô, chô, aráuá,

Deixa *rolar* o *baião*.

§

Tem gente, na rua *Bon Vista*, que se apaulasse os redactores do *Meirinho* — faria d'elles uma *passoca*.

Gente tola!

Quem se zangar com o *Meirinho*,

E não ter o que fazer,

Porque este *jornalzinho*

Só sabe graças dizer.

Não precisa *pegar fogo*, *Sinhazinha*

Não!

Abaixa o *facho*, e cohiba-se de certas couzas.

Faça isto, *coração*,

Por vida de *Manezinho*;

Não fique zangada, não,

Sinão *tossê* no *Meirinho*.

E *tossê* mesmo à *pé de gallo*, porque cá ninguém tem medo de

«Fogo, pharol, fuzil, farsa e *facho*.»

§

Bilhetinho cheirozo.

— São *Theofilo Olegario*,

Cara de guizos de bode,

Veja, *mulato*, qui pôde

Pagar sua *assignatura*!

Não queira que se lhe chamo

De *caloteiro* ou *velhaco*!

Ande, *fuça de macaca*!

Não seja tão *cara-dura*!

Ande, *seo brôto*!...

§

Antes que me esqueça...

O *Antonio Felino* e o *Benjamin* estão namorando de *suciedade*, no *quarteirão do telegra*, segundo *telegramma* da *agencia Flauteio & C.*, para o *Meirinho*.

O primeiro é muito conhecido, e o segundo só quer é *futuriar*.

Vejam em que *unhas* *cahiram* duas *jo-vens moças* (com licença do *Chico Preto*) *inexperientes*!!!...

Não ha muito tempo que o *Felino* deixou uma no *ora veja*, por ter fiado-se em *prozas* d'elle.

Não tarda muito que estas duas *incautas* *meninas* não estejam *vendo*, por um *oculo*, os *seos apaixonados* ou *soffrendo* o que M... *soffreo*.

E isto é que é de *véras*.

§

O *Meirinho* não tendo podido obter do *Claudio*, *cara de quem desmamou creança*, certo *cobre*, que este lhe deve, resolveu mandar ao seu parente, *Domingos Bulacha*, o seguinte

Requerimento:

Ilustre e sapientissimo

Senhor Domingos Bulacha!

Dz um *cabocio* sem *tacha*,

Fulano de tal *Meirinho*,

Que o *butro* de um *seo sobrinho*;

O *Claudio*, *cara de chôro*,

Tendo o grande *desafôro*

De *pregar* lhe um *b-m calôte*,

Pede que o leve a *chicote*

De *rêlha crú* — *ensebado*,

Até *vêr* esse *safado*

Cantar bonito: — *ai, lê, lê*...

E R. Mercê.

Em 8 deste *meirinho*.

Fulano de tal Meirinho.

§

Masculu-se o *Arras* — porque lhe *chamei* de — *sultão*.

Hom'essa!...

Não é *couza* tão ruim, como elle pensa.

Sultão é um *rei badejo*!

Tambem pôde ser um *caxorro*, como S. S. não ignora; porém um *caxorro* não é lá das *couzas* mais ruins.

Pelo menos tenho visto alguns que *valem* mais do que o *juiz de paz* dos *mira-nhas*.

Lá isto é *verdade e verdade pura*.

E que o diga a *Raymunda de Accrahú*.

§

A *partida* do *quartel*, no dia 7 d'este esteve boa como sa *Rosa*, e m *camêças* e tudo.

Tuvo gente lá que não sabe quantas *quadrilhas* *dancou*, e quem até ignora se lá houve *dança*, apesar de ter ido à *festa*.

A *rapazada* de *farda*, seio *muito* ro

ras excepções, esteve mesmo de pé espalhado.

Dançou-se até a aranha; que é a primeira dança do Pará.

Sahio poeira velha, roçou a musica de Sant'Anna mesmo bonito e o Magalhães não se montou na poltra nem nada.

Quando teremos outra?

§

P'ra concluir...

MOTTE.

(A quem servir a carapuça)

É couza de minha zanga
Moça pobre sem vergonha.

GLOZA.

Rede de pesca tem sarga,
Para o ruda não ha bollo.
Moça que não tem miolo —
— É couza de minha zanga!
Toda Mangueira dá manga,
Quem dorme nem sempre sonha,
De milho faz-se pamonha,
Quem chama cifra diz — zero,
É couza que não tolero —
— Moça pobre sem vergonha.

Na verdade de que — não ha couza
mais desgraçada.

E... Está dito, e sustenta

O Frade.

GALERIA DO POVO.

MOTTE.

Moça doidella é cobrinha,
Muito sonsinha é velhaca.

GLOZA.

Moça de padre é burrinha
Frango castrado é capão,
Seco de coiro é surrão,
— Moça doidella é cobrinha.
Capa de faca é bainha,
Pão despontado é estaca,
Quem muito falla é matraca,
Felpa de pão é palito,
Moça fallante é p'riquito,
— Muito sonsinha é velhaca!

Setembro - 83.

Laffite.

†

OUTRO.

(A D. E.....)

A moça que tem juizo
Não se casa com o Arraz.

GLOZA.

Em qualquer canto eu divizo

Uma rhyme p'r este Molle!
Possuo um sublime dote —

— A moça que tem juizo!
Vae de terra ao Paraizo,

Isso mesmo assai: três xás!

Pinta o sete! Inda faz mais,

Porém tudo com acerto;

Mas embora n'um apêrio —

— Não se casa com o Arraz!

Fra Diavolo.

†

OUTRO.

São de fogo as alvoradas,
As tardes de fogo são.

GLOZA.

As nuvens estão paradas,
É sombrio o firmamento,
Varre a terra um forte vento,
— São de fogo as alvoradas;
O mar s'estende em lufadas
Da praia na vastidão,
O Sol perdendo o clarão
Já não doira as serranias;
São obrumbados os dias,
— As tardes de fogo são.

Epigastro.

Ultima hora.

Segundo a nossa promessa, voltamos às
namoradas e alcoviteiras da rua do seca-
dor Pompêo.

Pelo que temos dito, os leitores já de-
vem estar bem ao par até das personagens
de que temos fallado.

Não somos contra o namoro; mas o que
não podemos tolerar são — patifarias.

As alcoviteiras... estas miseraveis...
devem justar suas contas com os paes de
familias, os quaes, illudidos com amisedes
fingidas, não sabem o que se passa em casa
de qualquer vizinha, muitas vezes sem
critério e dignidade, onde suas filhas ser-
vem de genero de especulação lucrativa
— para as taes.

Temos feito a nossa obrigação; cabe,
pois, aos Srs. paes de familia — fazerem o
resto, além de mais tarde não chorarem
sem remedio.

Até mais logo.

Ceará, rua da Palma 116 — Typ. Ameri-
cana — Imp. por T. E. de Almeida.